



**IMAGENS DA MULHER NA IMPRENSA FEMININA DE OITOCENTOS
PERCURSOS DE MODERNIDADE (2005)
DE ANA MARIA COSTA LOPES**

MÁRCIA MARIA DE MELO ARAÚJO

"Algumas revistas femininas funcionam, na verdade, como um espelho mágico de frustradas e egocêntricas madrastras - no caso representadas pelo sexo masculino - das muitas *Belas Adormecidas* existentes ao tempo, preocupadas até à morte com o seu poder doméstico e social. A emergência de uma nova e mais total beleza, com o seu poder próprio, é apenas o aspecto exterior de um movimento de fundo mais significativo e determinante da posição da mulher na sociedade."

(Ana Maria Costa Lopes, p. 17)

Quem almeja estudar ou investigar o papel da imprensa e sua relação com a participação da mulher na luta pela sua visibilidade, não pode deixar de ler *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos: Percursos de Modernidade*, de Ana Maria Costa Lopes. A autora tem uma intensa vida acadêmica, atuando como investigadora, docente na área da Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX e na de Literatura Tradicional, com doutoramento em Língua e Cultura Portuguesa.

É digno de nota, a tese de doutoramento de Ana Maria Costa Lopes intitulada *Percursos da Modernidade*, defendida na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Nela, a autora apresenta uma pesquisa sobre as imagens da mulher nos periódicos portugueses de 1820 a 1890 nos quais analisa inúmeros artigos que, somados, reconstituem partes da história feminina portuguesa e sua luta pela emancipação. A tese, reunida a outras produções escritas da autora, deu vida ao livro *Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos: percursos de*

¹ Nota Biográfica: Bolsista Capes do Programa de Pós-doutorado no Exterior Edital nº 15/2016, supervisionado pela professora catedrática doutora Maria Laura Bettencourt Pires do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Professora-Pesquisadora do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) e do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás. Pós-Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa/GEPELLP. Membro da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e do GT de Estudos Medievais da Anpoll – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística.

modernidade, publicado pela Quimera, ganhador do Prémio Especial do Júri da Revista *Máxima*, em 2005.

Como a principal fonte da pesquisa de Costa Lopes são os periódicos femininos, publicados ao longo de 1820 a 1890, tomamos como ponto de partida o modo como os periódicos refletem e até mesmo jogam com a interpretação socialmente estabelecida da diferença sexual que controla as imagens e os modos eróticos da visão. Por isso, torna-se relevante, para os estudos sobre a mulher, entender a maneira como o inconsciente da sociedade patriarcal, em tempos passados, estruturou a forma de vê-la, tornando-a invisível.

Para muitos intelectuais, entre eles Laura Mulvey (1997, p. 438), o "paradoxo do falocentrismo em todas as suas manifestações é que depende da imagem da mulher castrada para dar ordem e significado ao seu mundo. Uma ideia de mulher permanece como peça central para o sistema: é a falta dela que produz o falo como uma presença simbólica, é o seu desejo de compensar a falta que o falo significa".²

De acordo com Mulvey, a mulher, paradoxalmente, assumiu a cultura patriarcal como significante para o outro masculino, ligada por uma ordem simbólica em que o homem pode viver suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as à imagem silenciosa da mulher ainda relacionada ao seu lugar, como portadora fabricante de significado. Mulvey (1997) observa que isso nos aproxima das raízes de nossa opressão, ao mesmo tempo que nos aproxima de uma articulação do problema: como combater o inconsciente estruturado como uma linguagem (formada criticamente no momento da chegada da linguagem) enquanto ainda preso dentro da linguagem do patriarcado?

Nota-se, no livro de Costa Lopes, uma análise pertinente a coadunar-se com a indagação de Mulvey. O predomínio ideológico e prático sobre o que era a função feminina na sociedade em geral foi incutido de tal forma às mulheres que elas se restringiram ao espaço doméstico e ao bem-estar da família, sem direito à voz. Essa visão capciosa é, de certo modo, tratada por Costa Lopes (2005, p. 18), "tentando descobrir as linhas de força, individuais ou colectivas, que lhes definiram o rumo, estimulando a força do empenho feminino contra as forças que bloqueavam a ocupação do seu espaço de poder específico, em função da reestruturação, consentânea com o conceito de modernidade, das relações entre os sexos".

De acordo com Costa Lopes, a conscientização e a instrução são dois viéses que se fazem presentes na reformulação da sociedade portuguesa do século XIX. Nessa perspectiva, a autora mostra o caminho difícil, muitas das vezes silencioso e obscuro, mas que a educação e a instrução abririam à mulher como espaço de afirmação e sobretudo de visibilidade e transformação de papéis sociais.

² Lê-se no original: "The paradox of phallocentrism in all its manifestations is that it depends on the image of the castrated woman to give order and meaning to its world. An idea of woman stands as linchpin to the system: it is her lack that produces the phallus as a symbolic presence, it is her desire to make good the lack that the phallus signifies".

O recorte temporal, feito por Costa Lopes em seu estudo, estabelece relação com o problema da instrução e da mudança de mentalidade no que diz respeito à mulher, pelo fato de, nesse período, ter se desenvolvido a imprensa periódica. Marcado pelo Liberalismo, pela derrota do Absolutismo, por crises e turbulências na vida política, histórica e cultural, Portugal vive momentos de questionamentos e definição de problemas sociais e políticos que apontavam para a necessidade de um país livre do analfabetismo e de uma nova posição relativa à desigualdade existente entre homens e mulheres. Desse modo, Costa Lopes considera fundamental a temática da instrução e da sua conscientização, e a imprensa será um dos lugares privilegiados da manifestação de um pensamento feminino que luta por uma identidade, negada pelas estruturas sociais dominantes.

Em outras palavras, a autora observa que é pelo poder da imposição da palavra, pela ação e pela função, que o sexo masculino intervém nos comportamentos, na forma de pensar e de agir da mulher daquela época, não muito distante do que ocorre, em várias regiões do mundo, nos dias atuais. Entretanto, compreender o processo de mudança social para elucidar, de maneira íntegra, a posição da mulher na sociedade, admite uma visão mais acertada de problemas que foram gerados com essa mudança e que afetaram não somente as mulheres mas também os homens.

Nota-se, na composição textual de Costa Lopes, a vontade de preencher algumas lacunas sobre a evolução da mentalidade feminina, presa dentro da linguagem do patriarcado como questionado por Mulvey. Costa Lopes critica a falta de tratamento de fontes como a imprensa periódica produzida por mulheres e o rico manancial informativo de diversas histórias, entre as quais a feminina, ainda hoje sem estudo. Nesse sentido, o levantamento seletivo de textos publicados pela imprensa, pode permitir uma visão da produção letrada das mulheres em determinados períodos da história. Intrínseco a isso, juízos de valor sobre a mulher e a repercussão das ideias femininas na produção letrada masculina tornam-se evidentes e formam o mapa histórico, filosófico, imaginário, ideológico, político e figurativo da figura feminina, que geralmente se diacroniza em formações essencialistas sobre a sua natureza e função social e cultural.

Contudo, para a autora de *Imagens de mulher*, ainda falta elucidar, de maneira aceitável e justa, a real posição da mulher na sociedade, comparativamente à do homem, permitindo, assim, um olhar diferenciado sobre problemas originados com a mudança social no período investigado. Trabalhar com o universo feminino é se deparar com muitas lacunas e conceitos pouco precisos. Sabemos que existem muitas análises sobre a situação da mulher, mas ao mesmo tempo não temos uma resposta satisfatória para os diversificados questionamentos a respeito das conquistas no século XIX e em outros. Por isso, Costa Lopes afirma que, possivelmente, o melhor meio de compreender a transformação de papéis sociais femininos é por intermédio da análise dos conceitos, das propostas e realizações

acerca da instrução que a mulher deveria receber e como isso ocorreu nos anos oitocentos.

Referências:

LOPES, Ana Maria Costa. *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos: Percursos de Modernidade*. Lisboa: Quimera Editores, Lda, 2005.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema". Pp. 438-448. In Warhol, Robyn R. e Herndl, Diane Price. *Feminisms: An Anthology of Literary Theory and Criticism*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University Press, 1997.